

EDITORIAL

Para o filósofo grego Pitágoras o número 11 era considerado um número mestre, irreduzível, carregado de simbolismo. Número representativo da inspiração e da intuição, o 11 significava também a busca da perfeição, ou, pelo menos, o aperfeiçoamento espiritual.

Não temos, nós editores da Sinais, a presunção de termos alcançado a perfeição de que nos falava Pitágoras. Mas é com muita satisfação e certos de que continuamos buscando aperfeiçoarmos nossa revista que trazemos este número aos leitores. Seguimos do sábio de Samos os preceitos de paciência e humanitarismo que este nos recomenda através da interpretação do número 11.

Abrimos o presente número com uma reflexão sobre a força ideológica do mito do progresso como legitimador de projetos desenvolvimentistas e de seus impactos sobre as populações por eles atingidos. A partir de um estudo etnográfico feito junto aos atingidos pela construção da barragem da usina hidrelétrica de Aymorés, Celeste Ciccarone, Jayme Lopes e Aline Trigueiro registram o modo como os antigos moradores da cidade de Itueta – MG vivenciam essa nova realidade, sua relação com o novo e o antigo território e com as autoridades responsáveis por sua remoção. O artigo de Alexsandro Rodrigues e Maria Aparecida Barreto dá continuidade a uma de nossas linhas temáticas mais frequentes, qual seja, a da diversidade sexual e dos desafios de uma educação compatível com o respeito a essa diversidade; Ainda no campo da educação, o artigo de Claudia do Amaral e Letícia Brittes discute o processo de proletarização dos professores e as transformações na autoimagem dos mesmos; em sequência, o artigo de Luciane da Silva reflete sobre o processo de formação da identidade profissional do policial militar no Brasil; Priscila Nottingham e Helena Frota dão continuidade a outra linha muito presente em nossa revista: a da história social. Nottingham e Frota abordam a questão do

tráfico de mulheres da Europa para o Brasil e sua exploração no mundo da prostituição na chamada Belle Époque (1890 a 1930). Por fim, Paulo Araújo apresenta uma contribuição ao debate teórico-metodológico das Ciências Sociais analisando os fundamentos psicolinguísticos e fenomenológicos da etnometodologia de Harold Garfinkel.

Fechando o presente número da Sinais, trazemos uma resenha-crítica de Lohaine Jardim, que discute aspectos simbólicos relativos ao mundo do crime junto a crianças e adolescentes ligados ao tráfico de drogas, e a resenha de Erly dos Anjos para a coletânea organizada por Renato Sérgio de Lima e José Luiz Ratton, “As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil”, publicada pela ANPOCS no ano de 2011.

Esperamos que os bons fluidos que emanam do número 11 inspirem você, nosso leitor, e o estimulem na busca de seus mais elevados valores e ideais.

Os Editores